



# A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA CLÍNICA INFANTIL SOB O ENFOQUE HISTÓRICO-CULTURAL

Eixo 2 – Psicoterapia

Francielly Neves Nascimento; NUPEP/UESB; nevesnascimentof@gmail.com Carmem Virgínia Moraes da Silva; UESB/BA; carmem.virginia@uesb.edu.br

## INTRODUÇÃO

A criança é constantemente atravessada por mudanças no curso do seu desenvolvimento; por ser considerada um sujeito social, histórico e pertencente a um determinado contexto familiar, social e cultural (SOUZA, 2007; PELOSO, 2013), a maneira como ela apreende essas mudanças também recebe influências dessas interações, de modo que algumas não são vivenciadas tranquilamente, o que pode acarretar angústia e sofrimento psíquico.

Diante desta demanda, cabe a atuação do terapeuta como mediador entre o sujeito e a sua realidade, auxiliando-o em suas necessidades e ressignificação de vivências geradoras de sofrimento (OLIVEIRA, ALVES, 2015; CLARINDO, 2020). Partindo dessa premissa e compreendendo a importância da mediação na prática clínica histórico-cultural, este trabalho se propõe a discutir de que modo os contextos sociais e culturais podem influenciar nas demandas das crianças na clínica psicológica, bem como demonstrar como os recursos terapêuticos são essenciais para auxiliar a psicóloga infantil durante suas intervenções.

#### **METODOLOGIA**

Este trabalho é de caráter qualitativo, sendo assim, tem o propósito de analisar subjetivamente uma dada unidade social, seja um ambiente, sujeito ou situação particular (GODOY, 1995). Para isso, utiliza-se de um estudo de caso com enfoque histórico-cultural, modalidade esta que "valoriza os aspectos descritivos e as percepções pessoais, focaliza o particular como parte da totalidade social e procura compreender o sujeito e seus diferentes contextos" (FREITAS, 2002, p. 26). As interlocuções teóricas resultam de uma revisão narrativa de obras que abordam o desenvolvimento infantil (sexualidade, contexto social,

contexto cultural) e a prática clínica (demanda, mediação, recursos) sob o enfoque histórico-cultural.

O caso descrito neste trabalho resulta de um processo psicoterapêutico realizado em clínica particular, com uma criança do sexo feminino, com idade cronológica de oito anos e que chega à clínica com as seguintes queixas, relatadas pelos pais: presença de fortes crises de pânico devido a pensamentos e vozes com conteúdos sexuais, além de comportamento masturbatório frequente. O acompanhamento foi realizado por um período de nove meses e meio, com um total de trinta e cinco atendimentos, dos quais, trinta foram feitos com a criança e cinco com os pais, tendo cada sessão a duração de cerca de cinquenta minutos.

Para uma melhor compreensão da demanda da criança, fez-se necessária a utilização de alguns métodos de avaliação inicial, como: entrevista de Anamnese com os pais; e com a criança a aplicação do teste HTP<sup>1</sup>, observação e técnicas de investigação através da brincadeira. A avaliação possibilitou a compreensão de que as mudanças vivenciadas pela criança sobre o próprio processo de desenvolvimento – sensações corpóreas, genitália, mudança do corpo, pensamentos decorrentes dessas mudanças – produziam na criança sentimentos de culpa, vergonha e inadequação, gerando fonte de sofrimento psíquico e subsequentes crises de pânico.

Recursos e/ou materiais lúdicos também foram utilizados durante as intervenções com a criança, sendo os que forneceram maiores interações: massinha de modelar caseira, bonecos da família terapêutica, bonecos fantasmas, brinquedos em miniatura, jogo da memória, teatro de sombras, brincadeira tapa olhos e esconde objetos, desenho do corpo em papel madeira, atividades com desenhos, pinturas à mão, livros, jogos de tabuleiro referente às emoções, álbum de fotografias, argila, produções criativas com colagem e recortes.

#### **DESENVOLVIMENTO**

A psicoterapia infantil possui algumas peculiaridades próprias desse campo de atuação: a presença da brincadeira e o uso de instrumentos lúdicos como mediadores, sendo esses utilizados pelo terapeuta para auxiliar no acesso aos conteúdos emocionais das crianças. É durante o brincar que imaginação, fantasia e realidade interagem entre si, fazendo com que a

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> O teste HTP (House, Tree, Person) é um teste de grafismo utilizado em avaliações psicológicas para avaliar características de personalidade.

criança produza novas interpretações, formas de expressões e ações, construindo novas formas de se relacionar com os diferentes sujeitos (VIGOTSKI, 1991). Através da brincadeira, a criança não somente recorda o que vivenciou, mas reelabora, de forma criativa, as impressões que teve em suas vivências, construindo, a partir disso, uma nova realidade de acordo com as suas aspirações (VIGOTSKI, 2018).

Nesse sentido, ações efetivas do brincar foram observadas durante todo o acompanhamento psicoterapêutico da criança descrita neste trabalho, sendo possível identificar como os recursos lúdicos foram significativos em diferentes momentos do processo.

Inicialmente, os recursos se apresentaram como um meio de comunicação e construção do vínculo terapêutico entre psicóloga-paciente, de modo que a criança pudesse expor suas angústias e sofrimentos, sendo muitos deles considerados por ela como constrangedores, e ser compreendida. Em todas as sessões, os recursos lúdicos funcionaram como mediadores diante das necessidades da criança e, através da brincadeira, ajudaram-na com suas dificuldades e necessidades, possibilitando a atuação nas suas zonas de desenvolvimento proximal - ZDP e resultando em alívio dos sintomas das queixas expostas também por ela, além das que, inicialmente, os pais apresentaram.

No que se refere à mediação e ao papel da psicóloga na clínica histórico-cultural, Vygotsky (1995, 2007, 2008 apud CLARINDO, 2020, p. 72), diz que:

O mediador, a partir dessa perspectiva, se coloca como um interlocutor, que atua intencionalmente na perspectiva de favorecer a emergência de ZDPs na interação com o sujeito, ou seja, promove espaço de construção de novos conhecimentos e ações por meio da mediação simbólica. No contexto da clínica, podemos dizer que considerar o psicoterapeuta como um mediador é entender que cabe a ele ajudar o sujeito a dominar instrumentos psíquicos que outrora não dominava.

Sobre a queixa principal, essa girava em torno de conteúdos sexuais: os pensamentos e brincadeiras da criança eram considerados inapropriados e se tornaram fonte de angústia para a criança e para os pais. Após o período de investigação/avaliação, chegou-se à conclusão de que a fonte geradora de sofrimento e, consequentemente, dos sintomas e queixas, advinha de uma construção cultural sobre a sexualidade das crianças - sendo esse tema um tabu na sociedade -, e se fazia presente nas ideias fossilizadas e, consequentemente, comportamentos repressivos da família.



Partindo do pressuposto de que as vivências são parte fundamental da subjetividade e que estas se constroem a partir da interação com o outro, é preciso destacar que são nessas interações que o sujeito recebe diversas influências e, a partir delas, constrói concepções sobre tudo que o cerca e que vivencia.

A constituição das ideias sobre sexualidade deve levar em conta os contextos históricos e sociais, visto que são esses contextos que fornecerão sentidos e significados sobre o tema - há de se atentar às origens desses princípios, visto que podem criar situações onde se exerça controle comportamental diante da sexualidade infantil, tendo como parâmetro o modelo do adulto e desconsiderando que a sexualidade é um aspecto da existência humana que independe da idade (ALENCAR et. al, 2003, MEIRA, SANTANA, 2014).

Entendendo tudo isso, traçou-se um plano de intervenções que envolvia brincadeiras para compreender e explorar sobre os pensamentos que assombravam a criança e sessões de orientação parental com a família, ambas no sentido de desconstruir e naturalizar o tema e o que é proibido em torno dele, além de fortalecer o vínculo de confiança entre criança e família. Com o passar das sessões com a criança e seus pais, foi perceptível a diminuição de sintomas da criança em relação às suas crises de pânico e um alívio na angústia e preocupação dos pais sobre a demanda da criança.

### **CONCLUSÕES**

O trabalho na clínica psicoterapêutica infantil deve sempre considerar as influências dos contextos históricos, culturais e sociais presentes nos sintomas das crianças e nas queixas dos pais, bem como a importância dos recursos lúdicos para a criação de vínculo e como mediador para acesso aos conteúdos mais íntimos da criança.

Na exposição do caso, pôde-se perceber o quanto um tabu cultural tornou-se fonte de forte sofrimento para uma criança de 8 anos que, ao lidar com novas situações no seu processo de desenvolvimento, teve sua experiência sentenciada como inconcebível e, em seguida, patologizada.

A partir disso, entende-se a necessidade cada vez mais urgente de uma clínica psicológica integrada, que esteja atenta e debruçada, também, sobre como uma cultura é constituída e as possíveis consequências dela no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Clínica Infantil. Criança. Psicologia Histórico-Cultural.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, A. de et al. **Sexualidade**. 2003. Disponível em: http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep127/sexualidade.htm. Acesso em: 17 set. 2021.

CLARINDO, J. M. **Clínica histórico-cultural**: caracterizando um método de atuação em psicoterapia. 2020. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 1, ed. 116, p. 21-39, 8 jul. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0100-15742002000200002. Acesso em: 20 set. 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

MEIRA, R. D.; SANTANA, L. T. Sexualidade na Perspectiva Histórico-Cultural: primeiras aproximações. **Trilhas Pedagógicas**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 160-181, ago. 2014. Mensal.

OLIVEIRA, R. B. da S. de; ALVES, A. M. P. As possibilidades de uma prática clínica na psicologia sócio-histórica. **Anais do XXIV Encontro Anual de Iniciação Científica DA UEL**, Maringá, set. 2015. Disponível em:

http://www.eaic.uem.br/eaic2015/anais/artigos/208.pdf. Acesso em: 11 set. 2021.

PELOSO, F. C. Infância e crianças: contribuições da teoria histórico-cultural de vigotsky para compreender a criança como sujeito histórico e social. Anais do XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE (recurso eletrônico) II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE / IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPD UNESCO: formação docente e sustentabilidade: um olhar transdisciplinar Curitiba, set. 2013.

SOUZA, M. C. B. R. de. A concepção de criança para o enfoque histórico-cultural. 2007. 165 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/souza\_mcbr\_dr\_mar.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criação na infância**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, janeiro 2018. 128 p. ISBN 978-8577433483.